

Carta semanal 17 (2019): Se a guerra é uma indústria, como pode haver paz no capitalismo?



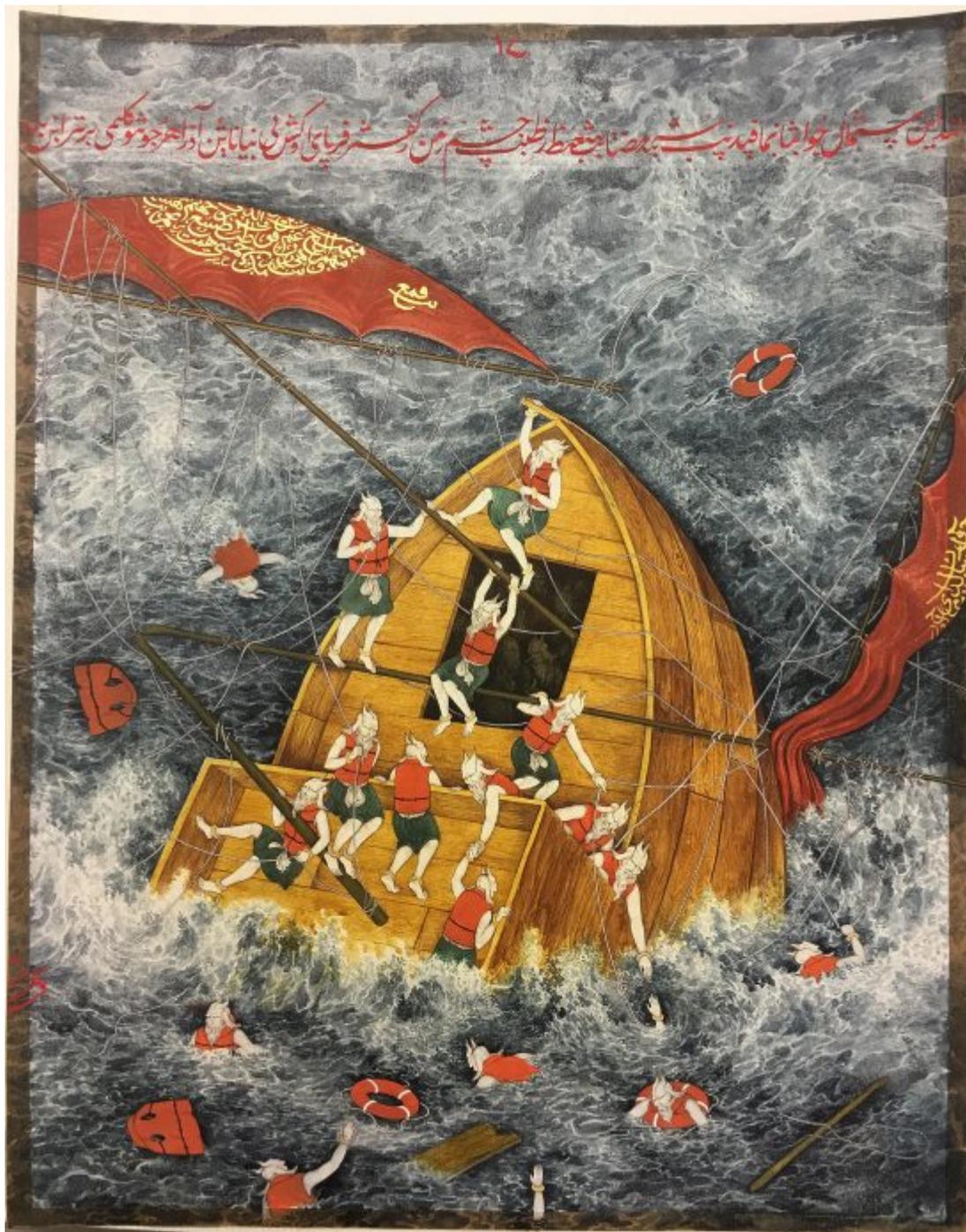
Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Em 26 de abril de 1937, doze bombardeiros da Legião Condor alemã e da Aviazione Legionaria italiana sobrevoaram o País Basco. Eles destruíram a pequena cidade de Guernica, sobre a qual despejaram seu arsenal de fogo. Quase duas mil pessoas morreram nessa cidade indefesa. Noel Monk, do *Daily Express* (Londres), foi um dos primeiros repórteres a entrar na cidade, horas depois de os bombardeiros terem se retirado. Em *Eyewitness* (1955), Monk escreveu: “uma visão que me assombrou por semanas foram os corpos carbonizados de várias mulheres e crianças reunidas no que havia sido o porão de uma casa. Era um refúgio”. Pablo Picasso, o artista, ficou tão comovido com as notícias do bombardeio fascista que pintou sua obra mais poderosa – *Guernica* (1937) – hoje pendurada nas paredes do Museu Reina Sofia, em Madri.

Na entrada do Conselho de Segurança das Nações Unidas, na cidade de Nova York, está pendurada uma tapeçaria de *Guernica* feita pela tecelã Jacqueline de la Baume Dürrbach, em 1955. Quando o Secretário de

Estado dos EUA, Colin Powell, foi à ONU no início de 2003 para fazer falsas afirmações sobre as armas de destruição em massa no Iraque, a equipe da ONU cobriu a obra com um pano azul. Em 1923, Picasso disse a Marius de Zayas que “a arte é uma mentira que nos faz perceber a verdade”. As mentiras que levaram à guerra no Iraque não poderiam ser contadas com *Guernica* como pano de fundo.



Mentiras levam à guerra e mais mentiras são necessárias para encobrir os horrores da guerra. Nos últimos anos, o Tribunal Penal Internacional (TPI) **começou** a investigar cuidadosamente os crimes de guerra no Afeganistão realizados pelas forças armadas dos Estados Unidos, do Afeganistão e do Talibã. O procurador especial do TPI, Fatou Bensouda, estava convencido de que há provas suficientes para o Tribunal levar adiante a investigação (incluindo evidências fornecidas pelo **Wikileaks** de várias investigações secretas do

Exército dos EUA). Mas a administração Trump, no melhor estilo mafioso, colocou uma imensa pressão sobre o TPI. Primeiro, o assessor de segurança nacional dos EUA, John Bolton, ameaçou sancionar juízes e advogados no Tribunal e o então secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, negou a Bensouda um visto para ir a Nova York entregar seu relatório ao Conselho de Segurança da ONU. Em 12 de abril, portanto, uma comissão prejulamento do TPI decidiu interromper a investigação. Disseram que investigar os crimes de guerra no Afeganistão “não serviria aos interesses da justiça” (para saber mais sobre isso, leia meu **relatório**).

Tornou-se impossível responsabilizar os Estados. O TPI não consegue se posicionar diante de países poderosos, como os Estados Unidos e seus aliados (especialmente Israel). Não resta nenhuma alternativa às vítimas das guerras permanentes. Elas podem se manifestar em busca de justiça, mas receberão pouca atenção. Em 2011, o filho de Haji Bismillah foi morto por um ataque de helicóptero dos EUA em Nangalam (Afeganistão). “A cabeça do meu filho Wahidullah estava perdida”, disse ele com grande tristeza. “Eu o reconheci apenas por suas roupas”.



Os gastos militares globais são superiores a 2 trilhões de dólares, com os Estados Unidos gastando quase metade desse valor. O total de gastos militares estadunidenses está agora em 989 bilhões de dólares. Esse número inclui não apenas os gastos formais com os militares, mas também os gastos com a Administração dos Veteranos, o Departamento de Energia, a Administração Nacional de Segurança Nuclear, o órgão de Segurança Cibernética do Departamento de Justiça, Segurança Interna e os aspectos militares do Departamento de Estado. Não inclui o imenso orçamento secreto da Agência Nacional de Segurança (NSA, sigla em inglês) e a Agência Central de Inteligência (CIA, sigla em inglês). Some isso e o orçamento militar estadunidense já ultrapassou 1 trilhão, como descobriram nossos amigos da *Monthly Review*, em 2007. Os Estados Unidos têm um gasto militar superior aos outros nove países da lista dos que mais gastam, somados: China, Arábia Saudita, Rússia, Índia, França, Reino Unido, Japão, Alemanha e Coreia do Sul. “Segurança” ou “dissuasão” não são os principais objetivos de tais dispêndios de dinheiro. Um mundo repleto de armas leva à tragédia no Sri Lanka, onde explosivos foram usados no terrível assassinato de mais de duzentos inocentes.

O foco na indústria de armas é esporádico, e o **Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz de Estocolmo (SIPRI)** e outros similares sentem-se solitários em seus trabalhos. Relatórios recentes da instituição mostram que o volume de transferências de armas vem aumentando ao longo dos anos, com os

Estados Unidos, Rússia, França, Alemanha e China como os maiores exportadores – representando, juntos, 75% de todas as vendas mundiais de armas. Os Estados Unidos, por si só, vendem 36% das armas do mundo – com foco em aeronaves de combate, mísseis de cruzeiro de curto alcance, mísseis balísticos e bombas guiadas. As dez maiores empresas bélicas do mundo são:

1. Lockheed Martin (44.9 bilhões de dólares) [EUA]
2. Boeing (26.9 bilhões de dólares) [EUA]
3. Raytheon (23.9 bilhões de dólares) [EUA]
4. BAE Systems (22.9 bilhões de dólares) [EUA]
5. Northrop Grumman (22.4 bilhões de dólares) [EUA]
6. General Dynamics (19.5 bilhões de dólares) [EUA]
7. Airbus Group (11.3 bilhões de dólares) [Europa]
8. Thales (9 bilhões de dólares) [França]
9. Leonardo (8.9 bilhões de dólares) [Itália]
10. Almaz-Antey (8.6 bilhões de dólares) [Rússia]

Por que os governos gastam uma quantia tão indecente em armas? Em seu monumental *Grundrisse* (1857), Karl Marx fez uma observação de improviso, mas precisa: “O impacto da guerra é autoevidente, pois do ponto de vista econômico é como o país deixar cair parte de seu capital no oceano”. Uma economia de guerra permanente é um desperdício, mesmo que grandes lucros sejam gerados por essas empresas de guerra. Tanto pode ser feito com 2 trilhões de dólares – meros 30 bilhões por ano acabariam com a fome mundial, como **observou** a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), em 2008. No ano passado, a ONU **iniciou** uma campanha para arrecadar 10 bilhões de dólares para erradicar o analfabetismo, mas mesmo essas quantias modestas têm sido impossíveis de arrecadar, as promessas de “bilhões para trilhões” das muito divulgadas parcerias público-privadas tornam-se insignificantes. Há sempre dinheiro para a guerra, e nunca há dinheiro suficiente para construir os andaimes para a paz.

Há sempre a ilusão de que os gastos militares são para a segurança, quando na verdade parecem servir mais ao lucro. Toda a indústria é lubrificada com propinas. Joe Roeber, da Transparency International, afirma que o comércio de armas é “muito ligado à corrupção”. “Em 1997, me disseram em Washington que um relatório de meados dos anos 1990 da CIA concluiu que a corrupção no comércio de armas representava 40-45% da corrupção total no comércio mundial”, escreveu. O argumento da segurança nacional, sugeriu Roeber, “lança um véu de sigilo em torno das negociações de armas”, cuja escala é tão grande que até mesmo pequenas porcentagens de subornos representam grandes quantias. Propinas são normais, os acordos que são revelados são surpreendentes: vão de 300 milhões de dólares (o acordo África do Sul com a BAE, de 1997-98) a 8 bilhões de dólares (o acordo entre a Arábia Saudita e a BAE, de 1985 a 2007).

Há alguns dias, me juntei a um grupo de iraquianos, como a escritora Haifa Zangana, e jornalistas que cobriram a guerra no Iraque e aqueles que lideraram campanhas de solidariedade aos iraquianos, na assinatura da seguinte nota:

Obrigado Julian Assange.

Obrigado, Chelsea Manning,

Por expor violações de direitos humanos, a criminalidade e os horrores da guerra dos EUA contra o Iraque. Pelo Wikileaks, que nos disse a verdade sobre o que estava realmente acontecendo. Por nos fornecer registros da Guerra do Iraque que nos ajudarão, em um futuro próximo, a responsabilizar aqueles que iniciaram a guerra no Iraque como criminosos de guerra.

Nós tínhamos em mente o terrível bombardeio da sociedade e civilização iraquianas. Nós tínhamos em mente Chelsea Manning, sentada em uma cela de prisão, **recusando-se** a testemunhar contra Julian Assange. Nós tínhamos em mente Julian Assange, que está na prisão de Belmarsh, a 20 quilômetros da sede da BAE (principal revendedora de armas da Grã-Bretanha).



Tínhamos em mente **Ola Bini**, que está na prisão El Inca, em Quito (Equador), que não teve nenhum papel nisso tudo, mas parece ser um dano colateral, para a frustração das elites dominantes, que suas mentiras tenham sido reveladas pelos vazamentos de documentos e registros das guerras no Afeganistão e no Iraque.



Não é o que está nesses documentos o que incomoda os poderosos, cuja indignação está reservada a pessoas corajosas que expuseram seus crimes e os chamam para a responsabilidade. Um oficial da Gestapo invadiu o apartamento de Picasso em Paris. Havia uma fotografia de *Guernica* na parede. O oficial da Gestapo perguntou se Picasso havia feito a pintura. “Não”, Picasso respondeu. “Você fez”.

Cordialmente, Vijay.

